

DANIEL DAVIDSOHN



do **NILO**
ao **EUFRACTES**

Pineal

Como deveria ter sido.

“... O governo de Sua Majestade vê favoravelmente o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu, e empregará seus melhores esforços para facilitar a realização deste objetivo, estando claramente entendido que nada seja feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das coletividades não-judaicas existentes na Palestina...”

Declaração de Balfour, 2 de novembro de 1917.

(Manifestação de apoio do governo britânico à formação de um Estado judaico na Palestina)

Que a tua sabedoria não seja uma humilhação para o teu próximo. Guarda domínio sobre ti mesmo e nunca te abandones à cólera. Se aspiras à paz definitiva, sorri ao Destino que te fere; não firas ninguém.

Os Rubaiyat, de Omar Khayyam.

— 1 —

VILA ÁRABE DE DEIR YASSIN, PALESTINA. ABRIL DE 1948

Era quase hora de dormir.

Asad sentou-se na cama do filho Rashid, de sete anos de idade, como fazia todas as noites. Era o único quarto da casa. Ali dormiam Asad com sua mulher Malika, o pequeno Rashid e sua irmã Sabah.

— O que o salvará dos pecados? — perguntou Asad ao filho.

Enquanto Rashid pensava, seu pai viu-se tomado por uma sensação que não havia tido há muito tempo.

— Lágrimas, humildade e enfermidade — respondeu o pequeno Rashid, sem entender o significado do que dizia. Na verdade havia memorizado aquelas palavras por pura insistência do pai. Para Asad não importava a pouca idade de Rashid, um dia o filho compreenderia.

A paz na Palestina estava com os dias contados. Como não dava para ter confiança no futuro próximo, Asad queria que o filho aprendesse pelo menos um pouco do Hadith, um dos ensinamentos do Profeta.

— Quais são as melhores ações aos olhos de Allah? — continuou Asad, olhando para o lado de fora da sua janela, onde havia uma amendoeira. Tinha algo de errado com aquela árvore, e era isso que o estava angustiando.

Rashid queria mesmo era dormir. Olhou para o pai e depois para o travesseiro, esforçando-se para lembrar-se da resposta.

— Gentileza, modéstia e... — coçou a cabeça. — Paciência?

Asad sorriu.

Eram palavras que soavam estranhas quando pronunciadas pela boca de uma criança, mas para Asad isso não era um problema. Olhou para o filho com a certeza de que nada na vida era mais sagrado do que a sua existência.

Quando Rashid bocejou, já nos limites de sua resistência infantil, Asad fez uma última pergunta.

— Quem são as piores pessoas aos olhos de Allah?

— Os exaltados e os mesquinhos — respondeu Rashid apressadamente, mais preocupado em poder dormir do que em agradar o pai. Deitou-se e decretou o fim da conversa.

Era início de primavera, mas ainda fazia um leve frio naquela noite. Asad cobriu Rashid e sorriu. O menino até que era resistente. Duvidou que na idade dele tivesse a mesma paciência. Olhou-o com profundidade incomum e depois voltou a olhar para fora da janela. A essa altura a amendoeira já o havia deixado bem preocupado.

— Os exaltados e os mesquinhos — sussurrou Asad para si mesmo com o olhar fixo no lado de fora da janela... Levantou-se e confirmou o que estava sentindo. Era um velho conhecido seu que há muito não o visitava: o pressentimento.

Nos tempos em que era um pescador ativo, Asad tinha a reputação de ter um faro aguçado. Era admirado e frequentemente consultado sobre o clima e também outras coisas. O pressentimento que sentia naquele momento era ruim, desses que o faria desistir de um dia de pesca quando receava um temporal ou algo pior.

Asad era bom nessa história de ter pressentimentos e costumava acertar mais do que errar, por isso se deixou levar pela intuição enquanto contemplava a visão da amendoeira. Com o

fim do inverno, essa árvore costumava ser a primeira a germinar na Palestina, mas por algum motivo ela estava atrasada naquele ano. Isso nunca havia acontecido desde que Asad tinha se mudado com a família para aquela casa quando Rashid nasceu, e ele encarou o fato como uma espécie de sinal.

Por forças que não podia compreender, mas que respeitava profundamente, temeu que naquele ano talvez não visse a amendoeira despertar e, enquanto tentava dimensionar a força daquele presságio, sentiu uma pressão incomum em seu peito e olhou para Rashid, que a essa altura já dormia um sono profundo.

Hesitou em deixar o quarto do filho porque tinha a incompreensível e temerosa sensação de estar se despedindo dele, embora não houvesse lógica alguma pensar daquela forma.

As dúvidas o fizeram ter saudades do mar... Naquela época, ele usava essas sensações para tomar decisões simples: entrar no mar ou não; seguir uma ou outra direção. Mas agora não havia decisões a tomar, e isso era o que mais o incomodava.

Olhou mais uma vez para a amendoeira e entregou a sorte a Deus. Achou que seria mais proveitoso ir até a sala ficar junto de sua mulher Malika e sua filha Sabah, de cinco anos de idade.

— 2 —

Estava escuro nas cercanias de Deir Yassin.

Aaron Heyman limpou o suor que ia se acumulando em sua testa e olhou para os lados, constrangido. O suor poderia sugerir algum tipo de fraqueza de caráter que Aaron considerava inconcebível naquele momento.

Ao fechar os olhos, observou na sua retina a imagem projetada dos vultos que se moviam próximo dele. Sentiu uma leve náusea que só fez aumentar sua apreensão e ficou admirado pela forma como seu corpo estava reagindo. Apenas vinte minutos antes estava se sentindo confiante, e experimentara no máximo uma leve ansiedade.

A imagem de seus pais insistia em aparecer em sua mente.

De origem húngara, foram uns dos primeiros judeus a morrerem no campo de extermínio de Auschwitz II, também conhecido como “campo de Birkenau”, local de extermínio de mais de meio milhão de judeus. Ao se lembrar deles, Aaron também se lembrava do porquê de estar ali. Aquela associação ajudava Aaron a focar na missão que tinha pela frente.

Abriu os olhos.

Decidiu que não seriam umas míseras gotas de suor que iriam minar a sua determinação. Aaron estava prestes a lutar por seu povo e isso incluiria derramamento de sangue. Como não gostava nada dessa idéia, foi dando um jeito de estreitar a consciência e ir a acomodando dentro de sua moral. Um bom argumento emocional seria lembrar que sangue justo fora derramado, o sangue de seus pais e de outros tantos milhões de se-

res humanos completamente inocentes, e que agora era chegada a hora da vingança.

Havia, porém, alguns problemas com aquela lógica, problemas que Aaron em nenhum momento ousara expressar em voz alta para os seus colegas: será que era válido o conceito de fazer inocentes pagarem por crimes que não cometeram? A vila árabe que estavam prestes a invadir nada tinha a ver com os europeus que causaram o holocausto. Palestinos e nazistas não possuíam absolutamente parentesco algum e relação filosófica alguma.

Deir Yassin estava prestes a ser invadida e Aaron estaria do lado dos invasores. Ele *era* o invasor!

Teve uma raiva momentânea.

Como é que um grupo de políticos lá da Europa pôde decidir dar uma terra que pertencia a um segundo grupo de pessoas, com centenas de milhares de palestinos vivendo nelas, para um terceiro grupo de pessoas, os sionistas? Uma coisa dessas não poderia dar certo. Aquilo era loucura. Com tanto lugar no mundo, tinha de ser bem naquele lugar altamente povoado? E agora, por causa disso Aaron estava lá, na iminência de fazer algo que intimamente sabia ser uma aberração.

Mas assim era a vida.

Com esse mantra improvisado na cabeça, foi tentando se sentir um pouco mais indiferente à ilógica da vida, embora soubesse que seria quase impossível tentar mudar, ali mesmo, de última hora, a sua natureza até então benevolente.

Maldita política!

Concluiu que, se árabes inocentes estavam a poucos instantes de suas mortes, não seria ele quem poderia impedir, até porque não teria meios para fazer isso. Se fugisse ou sabotasse a missão, seria considerado um traidor e poderia até ser morto pelos colegas. Os ânimos ali não estavam para brincadeira.

Quanto mais pensava, mais fabricava a certeza de que não era culpa sua estar ali, e isso o estava ajudando a sobreviver àqueles longos e angustiantes minutos. Vasculhou a memória sem conseguir se lembrar se algum dia tinha feito mal a alguém. Imaginou que, se agora teria de fazer o mal, era mais provável que a culpa fosse do destino, esse maldito incontável que a todos confunde, e não dele... Assim, foi organizando seus pensamentos e tentando controlar as emoções. Não se permitiria demonstrar fraqueza antes da batalha. Um soldado não poderia se permitir a fraquezas, e era isto que Aaron seria: um soldado.

Na escuridão os vultos iam se transformando em pessoas reais e fazendo Aaron se lembrar que era parte delas... É isso, ele havia se transformado em um vulto. A partir de agora deixaria de ser uma pessoa. Não seria nem mesmo um soldado, apenas um vulto. Perfeito!

Enquanto lutava para se recompor mentalmente, olhou para o lado e observou que o amigo Nathan caminhava em sua direção.

Mesmo de longe, pôde notar um brilho em seus olhos, mas não era só isso que chamava sua atenção: Nathan ostentava um estranho sorriso no canto da boca que transmitia uma confiança inabalável. Aaron reparou que Nathan caminhava sem qualquer hesitação em seu semblante, pelo menos que pudesse ser percebido. Tentou entender como aquilo era possível, mas desistiu.

Aaron não sabia se sentir um pouco de inveja pela postura do amigo seria aceitável, mas o fato é que estava apavorado e a tranquilidade do amigo o surpreendia.

E se Nathan ou alguém percebesse o que estava sentindo? Isto não poderia acontecer em hipótese alguma.

Quando seu olhar cruzou com o de Nathan, tratou logo de sorrir, e foi imediatamente correspondido pelo companheiro de batalha.

O fato era que a sua história e a de seu amigo eram parecidíssimas, já que Nathan também perdera os pais para os nazistas, com o agravante de ter perdido também os irmãos e os tios. Era como se existisse em Nathan um sofrimento potencializado por esteróides fortíssimos, desesperadamente em busca de uma causa que trouxesse algum alívio para tanta dor. Sua sede de vingança era tão grande que beirava a um estado de desidratação espiritual. Sem sombra de dúvidas, ele era o homem certo, com o ódio certo, no momento certo. O soldado ideal manipulado por políticos frios e sem religião.

Aaron estava mais do que satisfeito com a idéia de ser apenas um vulto. Se o seu raciocínio já não era dos melhores, tentou imaginar a quantas andava a cabeça de Nathan, a ponto de fazê-lo sorrir friamente antes de uma invasão onde a perda de vidas humanas era uma garantia.

Assim que Nathan desviou seu olhar em direção aos outros, Aaron engoliu em seco e fechou-se em seu contido pavor... Aos poucos, o silêncio na mente assombrada de Aaron foi dando lugar para o som real da noite na base de Etz Hayim: o de uma quietude preparatória.

Aaron fazia parte de um grupo de setenta combatentes do Irgun, uma organização sionista clandestina, que estava em plena execução da Operação Nachshon, cujo objetivo era abrir uma estrada até Jerusalém. O nome da operação foi inspirado no personagem bíblico Nachshon Ben Aminadav, que foi o primeiro a pular no Mar Vermelho quando os judeus fugiram do Egito.

Dois anos antes, o Irgun havia chocado o mundo ao explodir parte do Hotel King David em Jerusalém, que abrigava familiares e funcionários do governo britânico na Palestina.

O líder do Irgun era Menachem Begin, nascido em Brest-Litovsk, no antigo Império Russo, hoje Bielorrússia, cidade que

era famosa por seus rabinos talmúdicos. Begin seria eleito primeiro-ministro de Israel em 1977 pelo Likud, e ganharia o prêmio Nobel da Paz por ajudar a alcançar um tratado de paz entre Israel e Egito.

Saldo do ataque ao King David idealizado pelo pacifista Begin: 91 mortos, incluindo 28 britânicos, 41 árabes, 17 judeus e outros 5 mortos, além de outras 45 feridas gravemente.

A vila de Deir Yassin, que estava prestes a ser invadida pelo Irgun, fazia parte da lista de vilas árabes a serem ocupadas como parte da Operação Nachshon. Era uma pequena vila com 750 habitantes palestinos, situada fora da área recomendada pelas Nações Unidas a ser incluída em um futuro Estado de Israel. Tinha a reputação de ser pacífica e de zelar por essa reputação ao expulsar militantes árabes que pudessem trazer problemas.

A vila tinha, por falta de sorte talvez, uma característica que fazia dela um ponto estratégico importante: estava localizada no alto de uma colina, bem no corredor entre Tel Aviv e Jerusalém.

Enquanto os combatentes do Irgun iam distribuindo as metralhadoras entre si, Aaron fantasiou mais uma vez sobre a possibilidade de não estar ali, mas logo ponderou que recuar em tempos tão complicados seria impensável. Não que lhe faltasse coragem ou valentia, o problema era puramente de justiça. O que é que os pobres moradores de Deir Yassin tinham a ver com toda aquela história?

Aaron pensou que poderia tranquilamente lutar contra os nazistas, mas soubera que boa parte dos oficiais e cientistas de Hitler derrotados pelos aliados estavam sendo agora ferrenhamente disputados pelos Estados Unidos e pela Rússia. Por isso tratou de chacoalhar a cabeça e concentrar-se na realidade ime-

diata, que não incluía nazistas, mas palestinos em sua própria terra natal! Então, deveria estar ali pela memória de seus pais e pela criação de um Estado judeu. Estava ali por uma vingança decidida por outros, e também porque precisava de um emprego e de um rumo. Era o que iria fazer, gostasse ou não.

Em silêncio, as armas iam passando de mão em mão, gerando um abafado estalido que só contribuía para o nervosismo de Aaron. Abruptamente, Nathan fez uma dessas pousar nos braços de Aaron, fazendo-o despertar de vez para o que iria acontecer em poucos instantes.

— Chegou a hora — disse Nathan.

Aaron respondeu com um leve aceno de cabeça, tentando parecer mais seguro do que estava, mas não conseguiu ocultar sua apreensão do amigo.

— Está tudo bem?

— Claro — respondeu Aaron.

Claro que não era o que Aaron realmente queria ter dito, mas resistiu ao impulso de desapontar Nathan.

Ali perto, na vila judaica de Bet Hakerem, esquadrões dividiram-se e começaram a subir a colina em direção à vila árabe de Deir Yassin...

No assentamento judaico de Givat Shaul, outros sessenta combatentes da unidade de Lehi, que lutavam em parceria com o Irgun, avançavam em direção a Deir Yassin caminhando atrás de um veículo blindado...